



ENTRE MUNDOS: A PRESENÇA QUE PERSISTE NA AUSÊNCIA — UMA LEITURA JUNGUIANA DO LUTO

Between worlds the presence that persists in absence - a Jungian reading of grief

Lana Barbosa dos Anjos¹

Danielle Augusto Zacaib de Oliveira²

¹Discente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru - FIB

²Orientadora e Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru - FIB

Resumo

O presente trabalho realizou uma revisão bibliográfica referente ao processo do luto, através da perspectiva analítica junguiana, com o objetivo de explorar como essa abordagem entende a elaboração da perda. Partindo do princípio de que o luto é formado por um processo psíquico de transformação e não puramente patológico, o estudo analisou conceitos como arquétipos da vida e da morte, como polaridades dinâmicas e complementares. A pesquisa ainda conectou os aspectos da mitologia, para a ilustração da morte como esse processo de transformação e renascimento psíquico, que é essencial para o processo de individuação. Examinando as manifestações da presença do falecido na psique do sujeito enlutado, por meio das constelações, complexos, sonhos e símbolos, que auxiliam na expressão e reorganização do vínculo, foram descritas as implicações clínicas. O estudo concluiu que a visão analítica junguiana, ao reconhecer a persistência do vínculo em um plano simbólico, proporciona uma contribuição de grande valia para a atuação no ambiente clínico, que tem por objetivo facilitar o renascimento psíquico, em que a ausência pode encorajar a uma existência ainda mais integrada e autêntica.

Palavras-Chave: Arquétipo; Morte; Mitologia; Hades; Jung.

Abstract

This study conducted a bibliographical review concerning the grieving process from a Jungian analytical perspective, aiming to explore how the Jungian perspective understands the working through of loss. Starting from the principle that grief consists of a psychic process of transformation and is not purely pathological, the study analyzed concepts such as the archetypes of life and death as dynamic and complementary polarities. The research also connected aspects of mythology to illustrate death as this process of transformation and psychic rebirth, which is essential for the individuation process. By examining the manifestations of the deceased's presence in the psyche of the bereaved subject through constellations, complexes, dreams, and symbols, which aid in the expression and reorganization of the bond, the clinical implications were described. The conclusion that can be drawn is that the Jungian analytical view, by recognizing the persistence of the bond on a symbolic level, provides a highly valuable contribution to clinical practice, which aims to facilitate psychic rebirth, where absence can encourage an even more integrated and authentic existence.

Key Words: Archetype; Death; Mythology; Hades; Jung.

Introdução

O conceito de morte nem sempre foi homogêneo ao longo da história. Embora, a priori, seja compreendida como um fim, observa-se que sua significação sofre transformações ao longo dos séculos, não constituindo uma noção estática, mas dinâmica, que se modifica em função do desenvolvimento individual, do contexto sociocultural e da história familiar. Essa mutabilidade gera profundas reflexões e questionamentos, perpetuando-a enquanto mistério (Santana *et al.*, 2015).

Na Idade Média, o ato de morrer era encarado com naturalidade, em virtude das precárias condições de saúde então vigentes. Dessa forma, havia uma certeza de sua ocorrência e uma expectativa em relação a ela. Sob esse prisma, se reflete que a familiaridade com a morte consistia em uma forma de aceitação da

ordem natural, uma aceitação ao mesmo tempo ingênua na vida cotidiana e sábia nas especulações astrológicas. Com a morte, o homem se sujeitava a uma das grandes leis da espécie, não cogitava evitá-la nem exaltá-la. Simplesmente a aceitava, com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida deve transpor (Gomes; Medeiros, 2015).

Ademais, a partir da perspectiva junguiana, Jung (2013) apresenta a morte não como um fim, mas como um encontro com a vida, um ciclo natural da existência humana. Para o autor, a morte possuía o mesmo sentido de deitar-se para dormir e levantar ao acordar, numa analogia comparável à ciclicidade do dia e da noite. Jung (2013, p. 392) ainda recorre à física para afirmar que vida e morte são, em essência, energia, sendo a morte o término inevitável de uma trajetória. Ele é enfático ao declarar:

A vida é um processo energético, como qualquer outro, mas, em princípio, todo processo energético é irreversível e, por isto, é orientado univocamente para um objetivo. E este objetivo é o estado de repouso. No fundo, todo processo nada mais é do que, por assim dizer, a perturbação inicial de um estado de repouso perpétuo que procura restabelecer-se sempre.

Em sua obra, Jung (2013) também descreve a morte como uma conquista, uma meta a ser atingida, compreendendo que a vida culmina na morte. Isso levanta questões sobre a significância da existência, sugerindo que se a vida possui significado, a morte também o possuiria.

Nesse contexto, a pessoa amada, antes palpável, deixa de existir no plano concreto e passa a ser configurada em uma nova esfera existencial de maneira arquetípica e simbólica, perpetuando-se na psique de quem permanece. Segundo Cipriano e Souza (2023) diferente de perspectivas que a reduzem a um vazio, essa transição se desdobra psiquicamente de modo persistente, permitindo a ressignificação do vínculo. Enquanto o corpo físico perece, a imagem interna mantém-se viva na psique, atuando como um arquétipo que dialoga com o inconsciente.

Para a compreensão dessa dinâmica, é fundamental recorrer à definição de arquétipo, conforme proposto por Carl Gustav Jung. Na abordagem analítica, os arquétipos podem ser entendidos como elementos psíquicos que manifesta os instintos e as intuições mais primitivas do ser humano, relacionando-se com os

símbolos e o inconsciente coletivo, os quais demonstram padrões universais exercidos de forma inconsciente pela sociedade (Jung, 2016).

Dentro desse universo simbólico, destaca-se o arquétipo da morte, o qual não pode ser categorizado exclusivamente como negativo, uma vez que reduzi-lo a um aspecto puramente destrutivo constitui um equívoco (Jung, 2013). É crucial ressaltar que os arquétipos da vida e da morte carregam consigo nuances positivas e negativas, a depender do processo vivenciado. Sua importância é fundamental, mesmo quando sua manifestação gera dor. Esses arquétipos funcionam, em essência, como mecanismos determinantes daquilo que deve ser preservado e do que deve ser abandonado: o guardado deriva do arquétipo da vida, enquanto o descartado pertence ao âmbito da morte (Jung, 2013). Conforme Byington (2019), o arquétipo da morte manifesta-se tipicamente em contextos de apatia, inércia, privação, renúncia, desprendimento e luto.

Para uma compreensão mais abrangente dessa dinâmica simbólica, é crucial explorar também os conceitos de símbolos e complexos. Os símbolos podem ser definidos como expressões do inconsciente que conectam o concreto ao abstrato, possuindo uma forma tangível, mas carregando um significado oculto. Um exemplo elucidativo é a bandeira branca (elemento concreto), que universalmente simboliza a paz (significado oculto), aplicando-se a mesma lógica a outros elementos, como a cruz (Jung, 2016). Os complexos, por sua vez, atuam como transmissores de significados. Tratam-se de formações impulsivas e inconscientes, constituídas essencialmente por arquétipos constelados. Gerados em torno de um elemento nuclear de profundo significado, os complexos escapam ao controle direto da consciência, atraindo associações que emergem de tendências emocionais, da personalidade, da história de vida e do contexto individual. Eles são ativados especialmente diante de um choque entre a realidade externa e as expectativas internas, possuindo, como destaca Jung (2016), o poder de moldar significativamente as percepções e os comportamentos do indivíduo.

Já em relação ao luto Jesus *et al.* (2020), é importante compreendê-lo à luz do conceito de individuação, que se refere ao processo de integração entre o consciente e o inconsciente, cujo objetivo final é o equilíbrio do *Self*. Trata-se do momento de autoconhecimento e transformação, no qual há um confronto com aspectos reprimidos, como a Sombra, a Anima/Animus e a Persona. A individuação

busca o equilíbrio entre os opostos, transformando experiências dolorosas em fontes potencializadoras para o nascimento de um *Self* autêntico. Promove, assim, um equilíbrio entre a subjetividade do indivíduo e o inconsciente coletivo, conduzindo à essência psíquica e à autorrealização.

Diante desse cenário, surge um questionamento central: de que modo a psicologia junguiana explica o enfrentamento do luto e quais aspectos e fenômenos psíquicos auxiliam ou prejudicam esse processo? Essa interrogação é essencial para compreender como a presença do ente perdido se manifesta psiquicamente na ausência concreta e de que maneira tais expressões podem influenciar, positiva ou negativamente, o estado emocional do enlutado, atuando como facilitadoras ou obstáculos na elaboração do luto. Nesse sentido, propõe-se uma reflexão crítica sobre o luto sob duas perspectivas: a do enlutado, ao oferecer subsídios para a compreensão de seu momento emocional, reconhecendo suas vivências atuais como recursos potenciais para um enfrentamento adaptativo; e a do profissional, ao discutir como a compreensão da presença na ausência, de forma psíquica, pode instrumentalizar a atuação clínica.

A relevância deste estudo justifica-se pela necessidade de ampliar a compreensão dos processos psíquicos envolvidos no luto, especialmente sob a ótica da psicologia analítica. Ao abordar a vivência da ausência simbólica e sua atuação no inconsciente, almeja-se contribuir tanto para o autoconhecimento do enlutado quanto para o aprimoramento das práticas clínicas, favorecendo intervenções mais eficazes e sensíveis diante da dor da perda e promovendo um enfrentamento adaptativo.

O presente trabalho tem como objetivo geral realizar uma revisão bibliográfica sobre o processo do luto na perspectiva da psicologia junguiana. Como objetivos específicos, busca-se: a) fundamentos arquetípicos da vida e da morte e a conexão mitológica; b) manifestação dessa presença na psique do enlutado, por meio da constelação de complexos, sonhos e símbolos; c) implicações clínicas.

Métodos

O presente estudo configura-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza teórica, mediante a utilização do método de revisão bibliográfica. Para a composição do corpus de análise, empregaram-se os descritores “arquetipo e morte”, “arquetipo e mito”, “história e morte” e “alma e morte”, “hades e jung”,

“mitologia e jung” os quais foram consultados nas bases de dados eletrônicas SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e *Google Acadêmico*. Além das fontes indexadas nessas plataformas, a pesquisa foi complementada com a consulta a capítulos de livros considerados relevantes para a fundamentação e elaboração dos conceitos centrais desta revisão.

Estabeleceram-se como critérios de inclusão obras publicadas, preferencialmente no recorte temporal dos últimos dez anos (2015 a 2025), que possuísem enfoque na psicologia junguiana. Priorizaram-se, especificamente, publicações que abordassem a morte em sua dimensão simbólica, o arquétipo da morte e os processos de luto sob a perspectiva da psicologia analítica. A inclusão de alguns autores clássicos fora do recorte temporal de 10 anos foi justificada pelo fato de que suas obras representam referenciais teóricos imprescindíveis à compreensão do tema. Por outro lado, adotaram-se como critérios de exclusão trabalhos situados fora do escopo delimitado, aqueles que não apresentavam informações pertinentes ao tema investigado e os que se encontravam indisponíveis na íntegra.

Desenvolvimento

Os repertórios teóricos identificados na psicologia analítica delineiam perspectivas que o presente trabalho se propõe a analisar, examinando o processo de luto enquanto um movimento psíquico, simbólico e de transformação, partindo da experiência humana concreta. Para tanto, torna-se primordial a compreensão dos conceitos que fundamentam tal perspectiva. A estrutura deste artigo organiza-se, desse modo, pela exploração de literaturas do campo da psicologia analítica que elucidam a dinâmica existencial do vínculo frente à perda. Inicia-se pelos fundamentos arquetípicos da vida e da morte, progredindo para a conexão mitológica desse processo através da lente analítica. Em sequência, investiga-se a manifestação dessa presença na psique do enlutado, por meio da constelação de complexos, sonhos e símbolos, para, por fim, delinear as implicações clínicas decorrentes desse entendimento para a prática psicológica.

Fundamentos arquetípicos da vida e da morte e a conexão mitológica.

Para fundamentar esta análise, é imprescindível recorrer aos arquétipos da vida e da morte, compreendidos como energias dinâmicas e complementares que

constituem a psique. Enquanto o aspecto da morte é visto pela expressão da indiferença, aquilo que é descartado, o aspecto da vida é visto como aquilo que deve ser mantido (Byington, 2019). Portanto, quando discorrido sobre o conceito do arquétipo da vida e da morte, como algo complementar, dependente um do outro, Byington (2019, p. 19-20) é enfático em dizer:

Arquétipo da Vida e da Morte como funções estruturantes criativas e defensivas do processo de desenvolvimento simbólico da psique. Para a Psicologia Simbólica e para a Psicologia Analítica, a Morte não é somente oposta à Vida como ocorre na posição polarizada e na Psicanálise. Como quaisquer outras polaridades percebidas na posição dialética, a Morte e a Vida se articulam criativamente, quando interagem de forma complementar e adequada no processo de desenvolvimento.

No que concerne ao arquétipo da vida, é crucial não tratá-lo como um aspecto isolado, uma vez que se funde com o que Jung denomina de *Self*, como o arquétipo central responsável pelo processo de individuação (Byington, 2019). O *Self* é descrito como o princípio ordenador da vida, que se manifesta por meio de outros arquétipos, como o da Grande Mãe, entendido como arquétipo da fonte da vida, do nascimento, da nutrição, do cuidado e do próprio inconsciente (Raffaelli, 2002).

A partir da visão junguiana, identificam-se três perspectivas históricas predominantes sobre a morte, a saber: a “morte domada medieval”, a “morte romântica” e a “morte selvagem moderna” (Oliveira, 2018).

No que tange à morte domada, características da era medieval, se tratava de um fenômeno familiar, próximo e natural da existência humana. Os indivíduos não apenas pressentiam sua chegada, mas engajavam-se em rituais coletivos, como deitar-se para observar o céu, dirigir-se à igreja para confessar-se e receber a extrema-unção (compreendida como uma bênção final). De acordo com Ariès (2012), a morte não era um evento solitário, mas uma experiência comunitária, vivenciada coletivamente e assistida por membros da família e testemunhas, muito vivenciado pelas pessoas mais antigas, como por exemplo os velórios feitos dentro das casas.

Já entre os séculos XVIII e XIX, a morte passou a ser vivenciada sob um caráter dramático e profundamente emocional, sendo estetizada e percebida como bela pela sociedade. Representada frequentemente em pinturas, exalava melancolia

e sustentava a percepção de um renascimento espiritual. Em sequência, surge a morte selvagem moderna, a partir do século XX, marcada pela ocultação e medicalização do morrer, sob essa perspectiva, a morte passa a ser vista sob o prisma do fracasso, como algo a ser evitado e cada vez mais distanciado (Menezes, 2004). Aqueles que se encontram no fim da vida são hospitalizados e isolados, enquanto seu velamento e preparo corporal tornam-se rápidos e apartados do convívio social, com velórios ágeis que visam evitar o confronto com a finitude (Menezes, 2004).

Ressalta-se, portanto, que a morte é guiada pelos princípios de dissolução, separação e transformação. Na morte domada, integrava-se à vida comunitária; na morte romântica, exaltava-se a polaridade vida-morte, reconhecendo-a como passagem para uma vida eterna; por fim, na morte moderna, buscava-se negar radicalmente essa polaridade, resultando no isolamento e na negação social do fenômeno (Menezes, 2004).

Para a ilustração dinâmica dos arquétipos da vida e da morte e suas manifestações na sociedade, dois estudos se mostram relevantes e elucidativos. Sendo eles o artigo “Hades: a morte como processo de transformação e renascimento”, de Cipriano e Souza (2023) e “A Linguagem Mítica Da Alma: A Jornada De Personagens Mitológicos Gregos Ao Hades Como Representação Do Processo De Individuação”, de Maluf (2024).

Cipriano e Souza (2023) irão representar em seu artigo não só a finitude, mas sim a transição e renovação psíquica. A trajetória de Perséfone, Orfeu e Héracles ao reino de Hades demonstram a indispensabilidade de confrontar a sombra e aquilo que é desconhecido, como um processo de suma importância para que ocorra a individualização, demonstrando como contato com o “Mundo dos mortos” não se delimita apenas a perda, mas sim uma oportunidade de ressignificação, assim como ocorre no processo de luto, em que a ausência física, toma um lugar de presença simbólica ativa do inconsciente.

Em sequência a dissertação “A Linguagem Mítica Da Alma: A Jornada De Personagens Mitológicos Gregos Ao Hades Como Representação Do Processo De Individuação”, de Maluf (2024) há uma análise ainda mais profunda desse aspecto, usando como exemplo os mitos: o Canto XI da Odisseia, As Rãs de Aristófanes e Alceste de Eurípides. O autor exemplifica que cada uma das obras, a descida ao

submundo simboliza a imersão ao inconsciente, que é importante para toda a trajetória de individualização, Maluf (2024). Homero, Odisseu desce ao Hades para aconselhar-se com Triésias, durante esse aconselhamento a um confronto da sombra do seu próprio passado, como sua mãe Anticleia e companheiros da guerra de Tróia. Essa conversa com os aspectos do inconsciente permite com que a Odisseu obtenha orientações para voltar a Ítaca (reino de Odisseu ou lar) que funciona como uma figura simbólica para o Self.

Pela ótica junguiana, Hades incorpora o arquétipo da morte em sua função regenerativa, sendo atuante como polo de ordenação que se separa para depois se restituir. Ademais, o mundo de Hades simboliza o inconsciente mais profundo, em que os conteúdos psíquicos são destruídos para que haja um novo significado (Cipriano e Souza, 2023). Na mesma perspectiva, segundo o autor Resende e Martinez (2020) explicam esse processo através da *Nekyia*, em que se desce ao mais profundo do inconsciente para que ocorra o processo de individualização, restituindo o indivíduo em sua totalidade. A mesma visão é explorada por Maluf (2024) em sua obra “Comédia As Rãs”, em que Dioniso, se disfarçando de Héracles, desce ao Hades na busca por Eurípides, porém durante esse processo passa por uma transformação que o leva a ter que escolher entre os valores sênior, simbolizando a integração de aspectos maduros e a superação de uma postura infantil. Dessa forma, a mitologia associada a Hades não apenas reflete a ciclicidade vida-morte, mas também oferece um modelo arquetípico para entender como a experiência de perda pode catalisar transformações psicológicas profundas, onde a "morte" de uma identidade ou vínculo anterior abre caminho para renascimentos simbólicos e para a ampliação da consciência.

Ademais, em Alceste, conforme analisado por Maluf (2024), a protagonista da mitologia, desce ao Hades de forma voluntária para salvar o seu marido, ao mesmo tempo que Admeto enfrentando o luto, vive a sua própria descida simbólica. A batalha de Héracles contra a morte para o resgate de Alceste representa o confronto heroico com o inconsciente, que resulta na restauração da ordem e no amadurecimento de Admeto. A autora chega à conclusão de que, independentemente de ser algo literal ou metafórico a jornada de Hades, é uma condição para a individuação, exigindo coragem e um ego estruturado para enfrentar as sombras e retornar enriquecido. A descida ao mundo subterrâneo, seja na épica,

comédia ou tragédia, revela esse rito como um processo necessário para a totalidade psíquica e autoconhecimento.

A partir da perspectiva junguiana aplicada à visão cristã, Kasper (2024) analisa a manifestação do *Self*, através de Cristo, entendido como um símbolo de totalidade e transformação. Em seu artigo "Cristo, o Arquétipo: O fenômeno psíquico da Aparição à Maria Madalena na modernidade, segundo Carl Gustav Jung", Kasper (2024) interpreta a aparição de Jesus ressuscitado para seguidora Maria Madalena, em que o que é divino invade o inconsciente individual, promovendo a integração dos opostos e a ampliação da consciência. Assim como dito anteriormente na descida de Alceste para o Hades e seu retorno transformado, Maria Madalena vivência a morte simbólica (a morte de seu mestre) e o renascimento ao reconhecê-lo ressuscitado, que tem o significado simbólico do atingimento do processo de individualização, em que o ego, no confronto a sua sombra, torna-se abrigo do *Self*. Kasper (2024) é enfática em dizer que para Jung o arquétipo de Cristo representa a totalidade psíquica e serve como molde de realização do *Self* no ocidente, guiando o sujeito para a harmonia entre consciente e inconsciente, humano e divino. Portanto, tanto os mitos gregos, quanto a narrativa cristã expressam a mesma dinâmica arquetípica: a descida às profundezas da dor e da inconsciência como passagem necessária para o autoconhecimento e a transformação interior. Em ambas as figuras, observa-se o símbolo universal da morte do velho eu e do renascimento em uma nova consciência, revelando a continuidade da jornada de descida como via de acesso à totalidade da alma (Kasper, 2024; Maluf, 2024).

Manifestação dessa presença na psique do enlutado, por meio da constelação de complexos, sonhos e símbolo

O luto, nesta perspectiva, se manifesta como um cruzamento entre os mundos, em que a alma, tomada pela ausência, procura continuar conectado com aquilo que foi perdido. De acordo com Jung (2024), o inconsciente se comove diante da perda e traz à tona símbolos, sonhos e até mesmo imagens para tentar reorganizar o que a realidade do mundo externo rompeu. Durante o processo de luto, a morte não é um determinante de rompimento de vínculo, mas sim de transformação, fazendo com que o falecido passe a existir em uma imagem interior

vivida, dentro do território simbólico, e é dentro desse território que ocorre a aparição do falecido, se manifestando por meio da constelação dos complexos, dos sonhos e símbolos emergentes do inconsciente, que no contexto da análise junguiana, são compreendidos como as expressões fundamentais do processo laboral da perda (Jung, 2024).

Esse funcionamento psíquico encontra reflexão, não só na perspectiva junguiana, mas em outras visões externas a ela. Semedo (2017), ao criar o questionário sobre o vínculo de forma continuada, observa que o vínculo com o ente querido pode se manter de forma ativa, possuindo uma atribuição reorganizadora, essa ideia tem grande similaridade com o entendimento junguiano da persistência da conexão como tentativa real da alma. O inconsciente, que nunca permanece imóvel, perante aquilo que a consciência não conseguiu elaborar, elabora suas vias, através dos complexos abundantes de energia psíquica (Jung, 2011).

É a partir desse contexto que a mediação simbólica cedida por objetos ritualísticos, como os do projeto Relíquia-19, tese de doutorado de Pereira (2023), ganha força e funciona, como um recipiente simbólico que acaba materializando e ressignificando toda a experiência dolorosa. No cenário do luto vivenciado no período de pandemia do Covid-19, em que as formas de despedidas foram bruscamente interrompidas, a materialização disponibiliza um apoio palpável para a elaboração do processo de perda. Os objetos utilizados e propostos pelo autor não se delimitam às suas funções, mas sim, como um campo de interação entre o interno e o externo, entre a ausência e a presença, entre o sentimento de dor e a memória presente. O projeto relíquia-19, chama o enlutado a ser uma peça ativa da construção da forma, convertendo todo o afeto, memória e dados simbólicos (fotografias e registros sonoros) em formas geométricas exclusiva e especial, tendo como fonte de inspirações as sementes, que irão representar o vazio da perda.

Os objetos trabalham então como um sonho materializado, concedendo uma conversa ativa e sensorial com os complexos e símbolos internos, sendo um dispositivo de transição, tornando mais fácil o processo de externalização do processo interno. Dessa maneira, o objeto ritualístico transcende sua materialidade e se torna um campo de experimentação e ressignificação. Oferece-se um apoio concreto em que o enlutado possa, de forma simbólica, contornar o vazio.

Ao materializar a falta, o objeto a torna passível de ser observada, tocada e, gradualmente, integrada à narrativa de vida do sujeito. Esta integração não promove o apagamento da dor, mas sua transformação, permitindo que o indivíduo "cresça ao redor do luto". O projeto se consolida então, não como uma solução ao luto, mas um chamado para a prática da presença, memória e cuidado, e que a ação de criar e interagir com o objeto, se torna um acesso para se encontrar significado dentro da ausência e seguir em frente, trazendo sempre uma lembrança ativa e não o fardo da morte (Pereira, 2023).

Implicações clínicas decorrentes desse entendimento para a prática psicológica.

A compreensão analítica junguiana do processo de luto desloca o foco clínico da superação da perda, para a ressignificação da relação na ausência (Pereira, 2017). Dentro dessa nova perspectiva, a intervenção não tem como objetivo a superação da perda, mas sim o facilitamento da reorganização psíquica, que foi de certa maneira desvinculada com a morte, sendo restituída em plano simbólico, legitimando a conservação do vínculo como um trajeto contínuo de diálogo entre o inconsciente e consciente (Sampaio, 2019). Dessa maneira, a função do psicólogo ultrapassa a escuta, para ser um facilitador desse processo simbólico e a clínica se transforma em um *temenos* (espaço sagrado e protegido) para a experimentação onde a “presença que persiste”, pode ser vivenciada, sendo um vínculo transformado, que nutre o *Self*, promovendo um renascimento psíquico (Pereira, 2017).

Para que isso ocorra, de acordo com Sampaio (2019) é necessário que a atuação psicológica utilize de técnicas que auxiliam e facilitam o acesso ao inconsciente, dando permissão para que a dor seja trabalhada simbolicamente e se torne um impulsionamento a individualização. Instrumentos como a caixa de areia se torna de profunda eficácia para esse processo, utilizado com crianças enlutadas, através dessa atividade com a caixa de areia o inconsciente externaliza simbolicamente a presença internalizada da pessoa perdida, permitindo que complexos e conteúdos arquetípicos constelados sejam elaborados de forma ativa e transformadora pela psique.

Apoiado na fundamentação teórica apresentada por Sampaio (2019), essa atuação serve como forma expressiva simbólica dos conteúdos psíquicos do inconsciente. Tanto a areia, como as figuras utilizadas funcionam como um campo de intermédio em que a psique projeta e elabora de forma ativa suas dores e conflitos, transformando em imagens com grande significado, o *Sandplay* beneficia a conexão entre os opostos (relaciona-se ao entendimento dessas polaridades, de forma integrada, ao invés da repressão de um dos lados a favor do outro) e a transcendência simbólica (se trata do processo criativo, que facilita o processo transcendente, utilizando de símbolos para integrar forças opostas, que resulta na personalidade completa e equilibrada).

Ademais, o *Sandplay* pode ser compreendido como uma expressão artística da alma, conforme discorrido por Abeid (2006), essa expressão da alma se torna profunda e revitalizadora dentro da prática psicológica. A caixa de areia se torna um *temenos*, um espaço sagrado e seguro, para que a dor do luto seja manuseada e expressa, ocorrendo uma transformação dos sentimentos internos. É dentro desse espaço, que se manifesta as imagens do inconsciente, permite que a conexão que a pessoa tinha com alguém que já se foi seja trazida de volta à tona e reinterpretada de uma maneira ativa e flexível. Toda essa dinâmica criativa, é o centro da “função transcendente” que realiza uma síntese, a um nível mais elevado, entre dois opostos, auxiliando na integração da presença na ausência, vida e morte. Por fim, esse processo só é possível, pela atuação do Eros, que é compreendido como o mediador, que proporciona um diálogo entre a consciência do enlutado e os conteúdos do inconsciente, nutrindo o *Self* e promovendo o renascimento psíquico através da própria dor (Abeid, 2006).

Considerações finais

Este trabalho realizou uma revisão bibliográfica com o objetivo central de investigar o processo do luto sob a ótica da psicologia analítica junguiana. A análise permitiu alcançar os objetivos específicos propostos, elucidando os fundamentos arquetípicos da vida e da morte, as manifestações da presença do falecido na psique do enlutado e as implicações clínicas decorrentes desse entendimento.

Conclui-se que a perspectiva junguiana oferece uma compreensão singular e

profunda do luto, interpretando-o não como uma patologia a ser superada, mas como um processo psíquico de transformação intrínseco à jornada de individuação.

Esta visão reconhece a persistência do vínculo em um plano simbólico, onde a ausência concreta se converte em uma presença interior ativa, que se manifesta por meio de complexos, sonhos e símbolos, na tentativa incessante do inconsciente de reorganizar a relação rompida.

A exploração mitológica serviu para ilustrar de forma poderosa essa dinâmica. A figura de Hades, por exemplo, personifica o arquétipo da morte não como aniquilação, mas como um reino de transformação e renascimento. As jornadas de figuras como Perséfone, Héracles e Odisseu ao submundo grego simbolizam a descida necessária ao inconsciente, onde o confronto com as sombras e a dor precede a restituição do *Self*. De modo análogo, na narrativa cristã, a aparição de Jesus ressuscitado a Maria Madalena representa um poderoso símbolo de morte e renascimento psíquico. A experiência da perda do mestre e subsequente reconhecimento da presença transformada encapsula o processo de individuação, onde a consciência, ao confrontar a sombra da dúvida e do desespero, se amplia para abrigar uma totalidade renovada.

As aplicações práticas deste arcabouço teórico são profundamente significativas para a clínica psicológica. O papel do terapeuta junguiano desloca-se da busca pela superação da perda para a facilitação ativa desse processo simbólico de transformação. Técnicas expressivas e projetivas, como a Caixa de Areia, criam um *temenos*, um espaço sagrado e protegido que permite a externalização e elaboração dos conteúdos inconscientes. De forma complementar, iniciativas como o Projeto Relíquia-19 demonstram a potência da materialização simbólica. Os objetos ritualísticos criados que convertem memórias, afetos e registros sonoros em formas geométricas únicas, inspiradas em sementes, que atuam como sonhos materializados. Eles funcionam como recipientes concretos para o vazio da ausência, permitindo que o enlutado interaja sensorialmente com a presença internalizada. Ao tornar a falta palpável, esses objetos facilitam sua integração na narrativa de vida, transformando a dor em um solo fértil para o crescimento psíquico. Quanto às limitações do estudo, reconhece-se que a natureza teórica da revisão bibliográfica, embora fundamental para a construção do argumento, não permite a geração de dados empíricos originais. O escopo da pesquisa limitou-se às fontes

consultadas, indicando a necessidade de futuras investigações que possam aferir a aplicabilidade e a eficácia dessas intervenções em diversos contextos populacionais e situações de luto.

Referências

ABEID, L. V. C. **Sandplay uma expressão artística da alma**: um processo de transformação simbólica através das dores e amores do coração. 2006. 1 recurso online (109 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1632433. Acesso em: 8 nov. 2025.

BYINGTON, C. A. B. O arquétipo da vida e da morte: um estudo da Psicologia Simbólica. Junguiana: **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v.37 n.1, p 1-15, 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v37n1/08.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2025.

CIPRIANO, M. E. S.; SOUZA, M. R. Hades: a morte como processo de transformação e renascimento na perspectiva da psicologia analítica. Self - **Revista do Instituto Junguiano** de São Paulo, São Paulo, v. 8, p. e005, 2023. DOI: 10.21901/2448-3060/self-2023.vol8.188. Disponível em: <https://self.ijusp.org.br/self/article/view/188>. Acesso em: 16 maio 2025.

GOMES, S. R. S.; MEDEIROS, M. M. de. Concepções da morte: da Idade Média ao mundo contemporâneo. In: **ENCONTRO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (ENIC)**, 14., 2015, Dourados. *Anais [...]*. Dourados: UEMS, 2015. p. 1-12. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/enic/article/view/2319/2295>. Acesso em: 20 mar. 2025.

JESUS, A. O. de et al. As experiências vividas por familiares de suicidas pela perspectiva junguiana: as fases do luto à luz dos arquétipos. **Revista Esfera Humanas**, Vitória, v. 5, n. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2021/05/revista-esfera-humanas-v05-n01-artigo03.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2025.

JUNG, C. G. A Vida Simbólica (Vol. 18/1 das Obras Completas). In: _____ **A alma e a morte**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 391-395.

JUNG, C. G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. In: _____ **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2011. p 33-41.

JUNG, C. G. Complexo, arquétipo e símbolo: Na psicologia de C. G. Jung. In: _____ **Complexo**. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 15-91.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. In: _____ **Chegando ao Inconsciente**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2024 p. 15-369.

KASPER, G. C., o arquétipo: o fenômeno psíquico da aparição à Maria Madalena na modernidade, segundo Carl Gustav Jung. 2024. 123 f. Dissertação (Mestrado em

Filosofia) - **Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo**, 2024. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/7660>. Acesso em: 06 out. 2025

MALUF, M. P. **A linguagem mítica da alma: a jornada de personagens mitológicos gregos ao Hades como representação do processo de individuação**. 2024. 1 recurso online (104 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/20516. Acesso em: 7 nov. 2025.

MENEZES, R. A. A solidão dos moribundos: falando abertamente sobre a morte. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 147–171, 2004. Resenha de: ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312004000100009>. Acesso em: 06 out. 2025

OLIVEIRA, L. Arquétipos da morte: uma breve análise visual. **Revista Estética e Semiótica**, v. 8, n. 2, p. 78-88, 2018.. Disponível em: <https://doi.org/10.18830/issn.2238362X.n2.2018.6>. Acesso em: 08 out. 2025.

PEREIRA, R. A. Jovens enlutados: um estudo sobre a (re)significação da dor espiritual da perda. 2017. **Repositório Institucional da UFC**. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/29899>. Acesso em: 08 out. 2025.

PEREIRA, L. R. **Relíquia-19: série de objetos ritualísticos sobre memória e cuidado**. 2023. 272 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Desenho Industrial) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

RAFFAELLI, R. Imagem e self em Plotino e Jung: confluências. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 23-36, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2002000100003>. Acesso em: 08 out. 2025

RESENDE, P. H. C.; MARTINEZ, M. A katábasis de C. G. Jung: dos mitos antigos às experiências visionárias modernas. **Junguiana**, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 73–86, 2020. Disponível em: <https://janguiana.sbpa.org.br/revista/article/view/175>. Acesso em: 12 nov. 2025.

SAMPAIO, T. S. O. Intervenção Psicológica no luto infantil através da técnica ludoterapêutica Caixa de areia – um estudo de caso. 2019. **Repositório Institucional da UTAD**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10348/9302>. Acesso em: 08 out. 2025.

SANTANA, C. B. *et al.* A história da morte no ocidente e o contexto social como fator de risco para o suicídio. **Ambiente Acadêmico**, Cachoeiro de Itapemirim, v. 1, n. 2, p. 42-58, 2015. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/04/revista-ambiente-academico-e-dicao-2-artigo-3.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2025

SEMEDO, J. C. M. Desenvolvimento e validação inicial de um questionário de avaliação do vínculo continuado após o luto (QAVCAL). 2017. **Repositório da**

Universidade de Lisboa, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/33577>.
Acesso em: 08 out. 2025.